

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Os saberes tradicionais de Mãe Néia do Terreiro Nzó Musambu riá Kukuetu
sobre as plantas medicinais e sua utilização como práticas de educação
ambiental e etnobotânica**

GABRIELLA GABRIEL RAMALDES

**VITÓRIA
2018**

GABRIELLA GABRIEL RAMALDES

**Os saberes tradicionais de Mãe Néia do Terreiro Nzó Musambu Ria Kukuetu
sobre as plantas medicinais e sua utilização como práticas de educação
ambiental e etnobotânica**

Monografia apresentada ao Departamento Ciências Biológicas do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Maria do Carmo Pimentel Batitucci

VITÓRIA
2018

GABRIELLA GABRIEL RAMALDES

**Os saberes tradicionais de Mãe Néia do Terreiro Nzó Musambu Ria Kukuetu
sobre as plantas medicinais e sua utilização como práticas de educação
ambiental e etnobotânica**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Biológicas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em 16 de julho de 2018:.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Maria do Carmo Pimentel Batitucci
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a Dr^a Junia Freguglia Machado Garcia
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a Dr^a Erika Milena Souza
PMV- SEME

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar a Deus e a Deusa, As energias que se manifestam em nossa realidade. Aos meus pais, Maria do Carmo e Marcelino que sempre me estimularam e orientaram para seguir o que eu sentia no coração nos meus estudos e me deram as bases necessárias para eu ser quem sou; à minha avó Maria da Penha por ter sido um amparo, um socorro, uma referência e um lar durante esses anos de graduação e por toda a vida.

Agradeço imensamente a minha irmã por ter sido uma companheira fiel, amiga e dedicada tanto na vida até mesmo no mundo acadêmico, é um exemplo de dedicação e amor para mim, ao meu irmão Vinicius por enxergar nele um horizonte de possibilidades um mundo a ser explorado que acompanho com dedicação e amor desde seu nascimento.

Na vida acadêmica agradeço aos inúmeros mestres, que transmitiram seu saber, e se tornaram grandes referências para mim, em especial Maria do Carmo Pimentel, minha orientadora que sempre representou um norte de profissionalismo em inúmeros quesitos dedicação, prontidão, excelência, didática, entre muitas características e Junia Freguglia que me mostrou em sua didática em seu profissionalismo o amor pela profissão que muito me inspirou e inspira e fazem o coração encher de expectativa para ocupar minhas salas de aula.

Agradeço a meu grupo de capoeira Angola –Volta ao Mundo (GCAVAM), em especial minha Contramestra Ananda Coutinho e Mestre Cláudio Nascimento, foi com eles que aprendi a lutar e entender que não adianta praticar capoeira sem lutar contra o racismo vivido pela população negra na sociedade, com eles aprendi que não basta não ser racista e sim anti-racista, que devo procurar dentro de mim os racismos institucionalizados, desconstruir diariamente para enxergar os privilégios que eu tenho enquanto branca nessa sociedade e foi através dos ensinamentos deles na capoeira que aprendi que um capoeirista que não busca as raízes de sua prática não está praticando capoeira, e assim, com os ensinamentos deles eu conheci o Candomblé e conheci Mãe Néia.

Agradeço a Mãe Néia por ter me aberto às portas, tanto de seu terreiro quanto de sua vida, por ter me dado à oportunidade de ouvir um pouco sobre seus conhecimentos sobre as plantas e tantos outros, e por ter se dedicado a essa troca se tornou também um grande referencial, e com ela agradeço a meu amigo Yuri Paris que foi a ponte direta que conectou eu e Mãe Néia, meu trabalho e a demanda de Mãe.

Por último, não menos importante, muito pelo contrário talvez o mais importante, não poderia deixar de agradecer a meu filho Gael, foi através dele que eu conheci a força que tinha, foi através dele que eu descobri que poderia ir mais além do que imaginava, e com ele eu entendi o que é ser mulher e mais ainda, o que é ser uma mulher guerreira que batalha pelo que quer, e ainda consegue realizar inúmeras funções sobrando tempo para acariciar e beijar a cria. Meu Mestre Gael no auge dos seus três anos de idade, muito me ensinou e ainda tem muito a me ensinar.

Dedico a todos esses e todos mais que estão relacionados, pois foram muitas pessoas que estiveram comigo, a minha imensa Gratidão!

RESUMO

Os saberes tradicionais da cosmovisão africana foram e, ainda são subjugados, diluídos, marginalizados por motivos vários. Após abolição, a população negra foi deixada à margem da sociedade, a mercê de uma economia que não os incluía, sendo assim subordinados e até tratados como espécie inferior, muitas vezes descritos como subespécie da raça humana, híbrido amaldiçoado, cientificamente, religiosamente diminuído frente ao europeu. Assim, todo o conhecimento tradicional dos negros e das religiões de matriz afro brasileiras recebe o reflexo desta discriminação, situação que se estende ao conhecimento acerca das plantas medicinais de uso no Candomblé. Portanto, o presente estudo visou: apresentar e discorrer sobre conhecimento de Mãe Néia sobre as plantas medicinais, seus usos e propriedades, sobre os seus cuidados com a preservação do meio ambiente dentro do Candomblé, por meio da manutenção da flora através do cultivo, plantio, e propagação dessas plantas em microescala. Além de observar as ações de conscientização e educação ambiental (EA) que ocorrem em toda comunidade do terreiro Nzó Musambu Niá kukuetu e arredores. Para tanto, foram realizadas três entrevistas com Mãe Néia, a fim de demonstrar e expor o que existe e ocorre, no aspecto de formação na vida do sujeito que faz parte dessa tradição, se é constituindo valores válidos para a preservação do meio ambiente, formação de indivíduo crítico entre outros conhecimentos passados na educação não formal e científica dessa comunidade. Ao final do estudo percebemos que, enquanto a sociedade não conseguir aceitar e enxergar nas raízes afro brasileiras uma identidade, ao invés de uma inferioridade, estaremos sujeitos a uma sociedade que nos impõe travas no desenvolvimento da criticidade, no acesso ao conhecimento. Portanto, é necessário propagar as tradições afro-brasileiras, em todos os seus aspectos, e com elas fazer o que for possível para acabar com a desigualdade e respeito que existe e assim, diminuir o índice de evasão escolar da população negra, o índice de mortalidade da juventude negra, e até mesmo o índice de marginalização e precariedade da nossa sociedade, dando a todos de forma igualitária o acesso à educação e a uma identidade que represente todo o belo conjunto de diversidade da população brasileira, como a Mãe Néia faz.

Palavras-chaves: Candomblé, conhecimento tradicional, plantas medicinais, etnobotânica, educação não formal.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1- INTRODUÇÃO - REFERENCIAL TEÓRICO | 7 |
| 2- DESENVOLVIMENTO..... | 11 |
| 3- CONSIDERAÇÕES GERAIS | 24 |
| APÊNDICE A | 27 |

1- INTRODUÇÃO - REFERENCIAL TEÓRICO

Os saberes tradicionais da cosmovisão africana foram, ao longo de sua história subjugados, diluídos, marginalizados por muitos e muitos anos através da colonização de seus países e escravidão por motivos vários. Para MENEZES (2017):

(...)“Neste período histórico brasileiro, primeiramente foram trazidos africanos de origem banto para trabalhar nas grandes lavouras, predominando sua condição escrava no ambiente rural. Para facilitar o controle, muito se tentou apagar a memória daqueles que foram trazidos, somado a isso, com o fim do tráfico negreiro, o tráfico de escravos internamente se intensificou e, pelo vasto território brasileiro, misturaram-se mais as diversidades étnicas africanas pelo país.”(...)

Foram então, após abolição, largados à margem da sociedade, a mercê de uma economia que não os incluía, sendo assim subordinados e até tratados como espécie inferior, muitas vezes descritos como subespécie da raça humana, híbrido amaldiçoado, cientificamente, religiosamente diminuído frente ao europeu (SANTOS; PEREIRA, 2018) levados a servir de mão-de-obra barata em condições injustas, muitas vezes sem salário ou recursos suficientes para se manter na sociedade e garantir seus direitos à vida política e pública. Existiram também desde a época abolicionista programas de embranquecimento da população, um fenômeno de marginalização que ainda é enfrentado dentro de nosso sistema racista (MENEZES, 2017).

O racismo no Brasil existe no imaginário, onde ele é negado veementemente, processo promovido pelas elites dominantes, que forjou a ideologia de que no nosso país não existia tal distinção racial, e assim nesse espaço de negação ele se mantém presente no comportamento da sociedade (GUIMARÃES; PINTO, 2016). Sendo assim há de se manter uma constante luta anti-racista, diariamente, pela igualdade de direitos e pelo fim do preconceito que existe como forma de estabelecer a igualdade.

Outro dado que reforça essa análise é o de que os maiores índices de evasão nas escolas, também são relativos à população negra, Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2007) a média nacional entre a população entre 15 anos ou mais é de 7,3 anos de escolaridade, mesmo que a legislação brasileira estabeleça que a escolaridade mínima obrigatória seja de oito anos, quando se analisa os anos de estudo entre raça/cor, brancos possuem uma média de escolaridade de 8,2 anos de estudo, enquanto entre os negros essa média é de 6,4 anos (GUIMARÃES; PINTO, 2016).

É preciso buscar entender o que, e, onde acontecem ações de discriminação nas escolas, para melhorar nossa educação e a inclusão igualitária a nossa população

como um todo, enfrentando de frente a realidade da evasão e os comportamentos que existem na escola que levam a população negra ainda ser a maior a não concluir a educação básica do país.

Nesse contexto é importante a promoção e a visibilidade do meio que cerca culturalmente nossa história afro-brasileira, pois é na formação dessa identidade, por meio do processo de representatividade¹, essa grande parcela da população se vê empoderada, representada, podendo conseqüentemente sentir-se segura para ocupar os lugares que são seus por direito. Além disso, promovendo a valorização das tradições culturais religiosas afro brasileiras, que por promover ações ambientais, educacionais, políticas e culturais torna-se um importante local de educação não formal.

As religiões de matriz afro-brasileira possuem uma relação muito próxima com o meio ambiente, com as plantas e suas utilizações, de forma medicinal, alimentar e mística conectando saberes e tradições além da valorização da própria natureza. Segundo Martins (2015), a utilização dos recursos ambientais nas práticas religiosas do Candomblé é de forma equilibrada e consciente, podendo caracterizar esse processo como um manejo sustentável. Este manejo garante a utilização dos recursos naturais em momentos diversos dos rituais e pode ser considerado desenvolvimento sustentável, o que na cosmovisão africana, chama-se de respeito.

Sendo assim, esses conhecimentos são passados de geração em geração de pais e mães de santo para seus respectivos "filhos espirituais" através da tradição oral. Cada ritual, cada consagração, cada evento é regado a base de chás, banhos, limpezas entre outras funções designadas para as utilizações de frutos, folhas, sementes e raízes das plantas, e cada ação dessas está referenciando a algum tipo de deidade, que na cosmovisão africana são os orixás ou Inkices², como são chamados no Candomblé de Angola.

Segundo Prandi, (2001, p. 20) citado por Martins (2015), o Candomblé conserva a ideia de que as plantas são fontes de Axé, a força vital sem a qual não existe vida, um movimento, sem a qual o culto não pode ser realizado. Dessa forma se torna indissociável ao praticante dessa tradição e que honra sua filosofia, preservar, cuidar e manter os recursos naturais, pois é assim que o mesmo está reverenciando os orixás, sem os quais não há vida, nem força vital (Axé).

A cultura africana no Brasil enriqueceu o conhecimento sobre ervas na sociedade e seu contato com outras culturas (indígenas e europeus) criou um complexo e diversificado saberes sobre as plantas. Além disso, o intercâmbio Brasil - África -

¹ Representatividade - Qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.

² Inkices - Designação das divindades nos Candomblés Angola-Congo.

Ásia corroborou para a presença de muitas espécies de vegetais de origem Africana e Asiática. Sendo possível notar nas culturas próximas a nós uma forte relação da saúde com as plantas, seja através de um chá, um xarope da avó, entre outras manifestações que vivenciamos. A cultura negra é, portanto, um modo de compreender o mundo a partir de experiências com o sagrado e com a natureza (BOTELHO, s.d)

Segundo Paz et al. (2015), no Candomblé, a saúde acontece em três dimensões: saúde mental, saúde do corpo e saúde espiritual (...), tendo assim uma forte herança da cultura africana na medicina popular brasileira, em especial no que tange ao uso de plantas medicinais. A saúde está intimamente ligada ao sagrado no Candomblé, devido a isso em todo terreiro de candomblé existe e precisa do seu "espaço mato", mesmo que instalado nos meios urbanos, espaços estes compreendidos como essenciais para a execução dos rituais e manutenção da tradição da cultura da saúde (BRAGA, 2000).

Contudo existe, uma resistência social, que segundo Martins (2015) é devida à escravidão no Brasil, pois como a cultura africana foi desde então subjugada, tal condição fez com que na sociedade surgissem interpretações erradas, provocando medos, preconceitos e até mesmo a negação da construção de uma identidade brasileira junto à cultura africana, deixando excluídas as contribuições desse povo à sociedade como um todo. Fato esse que inibe e atrapalha a ocupação e utilização de plantas e demais elementos da natureza por parte daqueles indivíduos que fazem parte do Candomblé.

Os ambientes naturais foram reduzidos às propriedades particulares, terrenos próprios e abandonados ou transformados em reservas de proteção e parques ambientais, encontrando assim um dilema social e cultural que atrapalha a manutenção e o exercício da tradição do Candomblé e, automaticamente o compartilhamento desses saberes. Esses espaços têm se modernizado conforme o necessário e ocupado cada vez mais os ambientes urbanos, e com isso vem-se perdendo a possibilidade da existência de uma roça no próprio terreiro, sobre essas adaptações o acesso às folhas tornou-se dificultoso, muitas vezes tendo de recorrer a mercados, feiras ou hortas, o que não é nada viável (BOTELHO, 2010) O resgate da cosmovisão africana, neste momento de crise ambiental, se faz muito necessário, pois traz contribuições do povo africano para a sociedade (MARTINS, 2015).

Entretanto, o contexto dos tempos atuais mostra que com o combate ao racismo e com a valorização da cultura negra em constante discussão, vem-se tentando recuperar e compartilhar esses conhecimentos dando a eles visibilidade através de projetos, pesquisas, programas, políticas públicas entre outras formas, sobretudo por reconhecermos nesse espaço, nessa cultura um forte exemplo da manifestação daquilo que também chamamos de educação. "Tudo que é importante para a

comunidade e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar" (BRANDÃO, 2007, p. 22).

Seguindo esse pensamento, vamos a fundo e olhamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394 de 12 de Dezembro de 1996) que define educação como formação humana que pode ser realizada em diferentes espaços sociais e culturais. Segundo o Título I - Da Educação, Art. 1º desta Lei:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996)

A população negra é quem mais sofreu, e sofre até hoje, com o maior número de evasão nas escolas, como já comentado. É incontestável que a manutenção dessas tradições é de extrema importância por significar uma escola para grande parte da população, sendo ali, um espaço de resistência contra as dificuldades que a vida apresenta e muitas vezes um espaço que fortalece o potencial do ser se manifestar.

Assim, no sentido de popularizar um valioso trabalho desenvolvido pela Mãe Néia em seu terreiro de Candomblé "Nzó Musambu Ria kukuetu", o presente trabalho teve como principais objetivos:

- 1- Levantar o grandioso conhecimento de Mãe Néia sobre as plantas medicinais e suas utilizações, suas propriedades sejam elas a partir de folhas, frutos, raízes ou flores, seus cuidados com a preservação do meio ambiente dentro do que se entende por Candomblé, por meio da manutenção da flora através do cultivo, plantio, e propagação dessas plantas em microescala;
- 2- Trabalhar a etnopesquisa de forma a observar e absorver como a educação pode se realizar nesses espaços e através da transmissão desse conhecimento e;
- 3- Observar as ações de conscientização e educação ambiental (EA) que ocorrem em toda comunidade do terreiro Nzó Musambu Riá kukuetu e arredores, tendo em vista que a EA visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas também a valorização da cultura e sua consequente reflexão sobre a ação do sujeito nas questões socioambientais, cabe à EA formar para o exercício da cidadania por meio do conhecimento interdisciplinar e cultural (MARTINS, 2015).

2- DESENVOLVIMENTO

Com o objetivo de tornar material o conhecimento de Mãe Néia sobre as plantas e o meio ambiente, como se dá essa relação entre a comunidade e seus saberes nessa tradição, foram realizadas três entrevistas com Mãe Néia, a fim de demonstrar e expor o que existe e ocorre, no aspecto de formação na vida do sujeito que faz parte dessa tradição, se é constituindo valores válidos para a preservação do meio ambiente, formação de indivíduo crítico entre outros conhecimentos passados na educação não formal e científica dessa comunidade.

O Candomblé Angola do terreiro “Nzó Musambu Ria kukuetu”, em Bairro de Fátima - Serra, Espírito Santo acontece sob os cuidados e liderança de Edinéa Cabral da Silva, (73 anos de idade), popularmente conhecida como Mãe Néia e, tradicionalmente, conhecida como Mama Mosoioió Kilunji dia Nzambi, título que demonstra sua hierarquia na religião.

Figura 1- Mãe Néia em entrevista com a autora da pesquisa. Fonte: acervo da autora



Assim, o trabalho consistiu em uma pesquisa exploratória-descritiva realizada por meio de entrevistas realizadas com Mãe Néia, no espaço do terreiro de Candomblé (figura 2). As entrevistas foram gravadas em formato de áudio (mp3) e vídeo (mp4), sendo que os trechos mais relevantes foram aqui transcritos para que fossem discutidos. Os vídeos, por sua vez, foram disponibilizados, com a prévia autorização da entrevistada, no canal *Youtube*, e podem ser vistos na íntegra a partir dos seguintes *links*:

Entrevista 1: <https://www.youtube.com/watch?v=vkHituPofSQ&feature=youtu.be>

Entrevista 2: <https://www.youtube.com/watch?v=xP-7mSwVPhc&feature=youtu.be>

O primeiro encontro aconteceu juntamente com alguns integrantes do “Coletivo Casa Verde” – que é um grupo Coletivo de Agroecologia da UFES, formado por estudantes de cursos diversos. Neste encontro, fomos conhecer Mãe Néia e saber

como poderíamos contribuir, ela expôs que gostaria da ajuda dos integrantes no fornecimento de mudas e na mão de obra para construção de uma horta e viveiro de plantas medicinais. Nesse encontro ela expôs grande desejo em realizar isso.

Figura 2- Imagens da frente, lateral e entrada do “Nzó Musambu Ria kukuetu”, em Bairro de Fátima - Serra, Espírito Santo. Fonte: acervo da autora



Existe um terreno abandonado na mesma rua do Nzô, ao lado esquerdo de sua entrada, e um dos planos de Mãe é ocupá-lo, de forma a angariar politicamente esse espaço para construção de sua horta e, ao longo da realização deste trabalho essa conversa com o político responsável foi realizada e a permissão está em tramitação, a prefeitura já mandou máquinas para limpeza do mesmo. O terreno é grande e apresenta muitas possibilidades de uso (figura 3).

Figura 3- Imagens do terreno baldio a ser cedido, em Bairro de Fátima - Serra, Espírito Santo. Fonte: acervo da autora



Após uma breve conversa informal, onde a autora pôde conhecer um pouco sobre a Mãe Néia, ela passou a mostrar as plantas que conhecia e usava no espaço da casa (terreiro). Nos vídeos, ela mostra as plantas que possui aos arredores da casa, mais precisamente num canteiro na lateral, que afirma orgulhosa que tudo foi ela quem plantou (figura 4).

Figura 4- Mãe Néia mostra as suas plantas. Fonte: acervo da autora.



O orgulho em seus relatos também está presente também quando relata que a pitanga pode ser usada para chá para garganta e impurezas em geral, pata-de-vaca que ela comenta ser boa para diabetes, especificamente a de flor branca, nesse momento ela fala sobre limpeza. Ela ainda afirma que:

“quando você toma uma coisa que faz mal logo em seguida tem que se fazer um chá dela mesma, mas na concentração certa e toma em cima, que combate a toxicidade que ela produz.”

Seguindo a exposição, Mãe Néia mostrou-nos mais plantas, como a que chama de cinco-folhas, que segundo ela é boa para inflamação e infecção. Para limpeza de casa, ela cita a peregum; o broto de goiaba para desarranjos intestinais e; por fim ela mostra uma almescla, da qual ela usa a resina com álcool para fazer um cicatrizante, antibiótico e anti-inflamatório. Ela ainda mostrou um grande jequitibá.

No vídeo, aparece o terreno que no momento não havia ainda sido limpo pela prefeitura e, ela comenta que ali tinha muita coisa já, que nascia naturalmente, como algodão entre outras e desapontada relata sobre a falta de respeito novamente, quando diz que ela tinha muito mais plantas, mas que as pessoas não respeitavam e arrancavam tudo.

Todos os relatos acima demonstram que a Mãe Néia, mesmo que de forma empírica, tem conhecimento do uso e de efeitos adversos das plantas medicinais, como quando fala sobre a dosagem para arrebatar o efeito tóxico da planta quando faz mal, o que é uma importante contribuição ao conhecimento na promoção da saúde em diversos sentidos como, por exemplo, na elaboração de estudos que contribuam com a produção de novos fármacos, grande parte dos medicamentos produzidos à nível mundial é de origem natural.

Esse resgate do conhecimento tradicional pode levar a novos processos, como por meio do método etnofarmacológico, que estuda o complexo conjunto de relações entre as plantas, animais e sociedade, em que um dos importantes aspectos é revelar os processos curativos e simbólicos das populações tradicionais, que vem permitindo a descoberta de novas substâncias desconhecidas pela farmacologia ocidental, outro emprego importante, refere-se à produção de medicamentos fitoterápicos que são substâncias ativas presentes na planta como um todo, ou em parte dela, na forma de extrato ou processado. O desenvolvimento de um fitomedicamento requer muito menos recursos e também menos tempo de pesquisa (RODRIGUES et al., 2007)

Toda a exposição de saberes e a preocupação que a Mãe Néia tem com as plantas e com o futuro dessas informações reforçam o valor e a necessidade da manutenção dessas tradições e de outros conhecimentos passados por meio da educação não formal e científica na formação do sujeito que faz parte dessa comunidade, pois esta tradição é constituída de valores válidos para a preservação do meio ambiente e para formação de indivíduos críticos.

A segunda entrevista, especificamente, abordou inúmeros aspectos importantes a serem discutidos, como por exemplo: a trajetória de vida de Mãe, como se formou enquanto líder espiritual no Candomblé, como recebeu os conhecimentos que tem sobre as plantas medicinais ou “macaias” como costuma chamar, como se promove a relação de todo o Candomblé com o meio ambiente e como esses saberes são passados para a comunidade.

Essa entrevista também foi realizada no próprio espaço do Nzó, de forma livre, sem perguntas direcionadas, apenas o livre espaço para que Mãe Néia (figura 3) se manifestasse contando sua história, sobre sua vida, sua chegada ao Espírito Santo e como se estabeleceu criando sua própria casa espiritual.

Nessa ocasião, Mãe Néia relatou que nasceu em Sergipe, porém se mudou para Santos/SP aos 10 anos, devido a problemas de saúde relacionáveis a sua mediunidade, que se mostrou forte desde a tenra infância:

“Um dia, jogando peteca na praia, machuquei o dedo e criou uma carne esponjosa, isso inflamou, e fui parar num terreiro de umbanda para avó Maria benzer, e foi do benzimento que comecei meu caminho espiritual... aquilo não melhorava, fui parar na santa casa e nada, então voltei a vó Maria para benzer novamente e nisso, o zelador, pai de santo, disse que isso era mediunidade e que iria curar aquilo, como curou! (...) Alguns chamavam de epilepsia.. desmaiava, saía rolando no asfalto, sofri muito. Até encontrar um senhor que veio do Rio de Janeiro para Santos e disse que eu tinha que me iniciar.”

Sua caminhada espiritual pelas religiões de matriz afro-brasileira se firmou depois que já tinha autonomia em relação à sua família, que não concordava com essa identificação. Aos dezenove anos de idade, foi iniciada na cidade de Santos, São Paulo, por Mambanzo dia Nzambi, que viveu ainda 30 anos, podendo ver sua primeira filha mudar-se para o Espírito Santo:

“Eu me iniciei sem o consentimento de meu pai e mãe, raspei a cabeça e fiquei na casa do pai de santo por até um ano, continuei com ele por 30 anos, me casei nesse tempo, depois vim para o Espírito Santo.”

Ao chegar ao Estado, segundo seu relato, já começou a ser procurada para cuidados e curas espirituais, assim começou a "trabalhar" em sua própria residência, até que em 1992 conseguiu comprar o terreno que até hoje é ocupado pelo templo por que zela. O Nzó Musambu Riá Kukuetu, nome que se traduz em "Casa de Oração da Divindade das Águas Salgadas", designa a energia regente nos cultos que ali se processam, embora suas atividades se estendam a funções sociais através do Instituto Beneficente e Cultural Inzó Musambu ria Kukuetu, envolvendo a visibilização e defesa das questões das religiões de matriz afro-brasileira, especialmente do Candomblé Angola Congo, que se relacionam a celebrações populares, segurança alimentar, conservação ambiental e fomento ao diálogo público e à educação popular.

Até hoje, Mãe Néia iniciou 52 pessoas no Candomblé, também chamados filhos de santo da casa, que se dividem em *tatas*, *kotas* e *azenza*³, segundo a hierarquia do candomblé Angola de raiz Tombeci, o renomado terreiro Bate-Folha de Salvador/BA. Todo esse zelo é possível de ser notado em suas próprias palavras na entrevista, quando fala de seus filhos de santo:

³ Tatas: são os homens que já nasceram maduros espiritualmente e executam tarefas específicas na cãs. Kotas: são as mulheres que já nasceram maduras espiritualmente e também executam funções específicas. Azenza – é o plural de muzenza, que são os iniciados e, também são chamado de “rodantes”, ou seja, realizam os trabalhos mediúnicos.

“Eu posso dizer de cabeça erguida que nunca erreí, só não agradei a todos mas, sempre fiz tudo com limites e com respeito! Mágoa tem muita, porque lidar com ser humano é muito difícil mas, tenho 52 iniciados, atualmente uns não estão comigo mas, estão todos encaminhados, não tenho nenhum filho de santo preso, nem na sarjeta, nem na rua, nenhum bandido, nunca enterrei filho de santo, só um mas por conta de idade, não tenho mão de miséria. Tem uns que não querem caminhar mas aí é diferente. Uns querem outros não, outros ficam em cima do muro, e pronto; são poucos que querem responsabilidade.”

Nessa mesma entrevista foi possível adentrar no assunto sobre os saberes das plantas medicinais, sua utilização cuidados e aspectos relacionados à relação com o meio ambiente e com os ensinamentos que recebeu, histórias que ela conta com muito prazer:

“Nessa trajetória tive muitas barreiras mas também muitos amigos, busquei pessoas de conhecimento maior que o meu também, e as macaia (plantas medicinais) estão desde o princípio de tudo, no meu iniciamento meu pai me ensinava a usar, a preservar o meio ambiente o sagrado de como tirar de como plantar, como usar o sagrado das folhas, a cuidar do meio ambiente. Nós temos o conhecimento das ervas medicinais que cuidam mas também podem matar, isso eu aprendi na vida...”

Nesse breve trecho podemos perceber que além da valorização do conhecimento que vem anterior ao dela, que remonta a tradição da transmissão do conhecimento oral⁴. Podemos também notar como é importante o aspecto da preservação ambiental no Candomblé, cuidado com o meio ambiente para sua manutenção, através disso já existindo um forte laço com os princípios da educação ambiental, e da sustentabilidade, mesmo que não rigorosamente acadêmicos, esses princípios se estabelecem de forma inata na tradição discutida.

Nesta relação encontra-se a transmissão dos cuidados que se deve ter com o meio ambiente para que ele continue a fornecer aquilo que se usa e o cuidado efetivo através da propagação e reprodução dessas plantas pelos espaços do candomblé já que todos os rituais exigem a utilização de recursos da natureza, além do grandioso cuidado e responsabilidade que se deve ter com o uso dessas plantas, já que é sabido que é necessário ter cuidado com as proporções que se usada indiscriminadamente ou sem orientação podem fazer ma e até matar.

É possível notar também o conhecimento que ela tem de que as plantas nem sempre podem só fazer bem, como ela mesma cita em diversos momentos, ressaltando o risco do seu uso, conseqüentemente reconhece a responsabilidade que ela carrega por ter esses saberes, dando valor a eles e a sua conseqüente transmissão, assim como foi lhe dada:

⁴ Tradição **oral** ou **conhecimento oral** é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra. As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidas em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, baladas, canções ou cânticos.

“Se eu posso usar as folhas naturais é melhor que os fármacos químicos, que curam mas também matam igual as plantas naturais, então melhor usar o que conheço, né!”

Durante essa entrevista outro aspecto muito importante foi abordado livremente pela Mãe Néia, que é a resistência que ela encontra para exercer seu papel como líder espiritual de uma tradição afro-brasileira que utiliza de recursos naturais. Os recursos necessários para a manutenção de seus rituais são de difícil acesso, ela relata dificuldade para colher, plantar, e encontrar as plantas necessárias nos ambientes totalmente ocupados pela urbanização, nos remontando a necessidade e a importância de existir um espaço cultivado, o que Mandarino e Gomberg (2009) se referem quando falam sobre o processo de urbanização que resultou na falta de locais naturais para cultivar as divindades das religiões afro brasileira, levando os praticantes a buscar, definir e ressignificar espaços diversos, como esquinas e outros. Contudo, em algumas situações essas manifestações podem causar um impacto nos transeuntes contribuindo para reforçar a imagem no senso comum sobre essas práticas serem de “religiões do mal” o que Mãe Néia também relata passar e sentir:

“Quando as coisas são ligadas ao africanismo eles barram, é para nós não termos força, nesse sentido de não andar, barram! Teve uma época que veio uma verba para as religiões de matizes africanas que como dizem: “sumiu na capoeira”

E ainda reforça:

“Hoje somos proibidos de colher qualquer coisa na Mata Atlântica, primeiro foram os pomeranos que cercaram tudo e compraram tudo, construíram estradas; não dá para chegar num rio, numa cachoeira... Até o frango se você for comprar eles perguntam o que a gente vai fazer... eu to comprando! Você não tem que saber o que vou fazer! Ficam com medo de que seja para a macumba, às vezes eu respondo é pra macumba mesmo! (...) Mesma coisa com as folhas, às vezes vou tirar e eles ficam olhando perguntando, se metendo. Está difícil pra tudo, as macaias são muito utilizadas para nós, é medicinal e às vezes não podemos colher, tem que comprar, a gente quer natural e a gente faz muitos litros de banho, se for comprar sai uma nota.”

Aqui, podemos notar que o racismo enfrentado, e a consequente dificuldade imposta por conta desse mal social é um fator limitante que tolhe o estabelecimento democrático dessas práticas, ferindo não só a cultura, mas os indivíduos que dela fazem parte. Sabemos que mesmo depois de alforriados os negros continuaram sendo tratados como seres inferiores, sendo diminuídos em inúmeras instâncias inclusive a religiosa (SANTOS; PEREIRA, 2018).

Mãe Néia ressalta a diferença no tratamento, quando as coisas são dos “pomeranos” e quando as coisas são daqueles que claramente carregam na pele os

traços da africanidade, dividindo-nos em grupos. Racismo é um processo onde grupos específicos são percebidos como diferentes e inferiores, tais diferenças são usadas para excluir os membros desse grupo do acesso a recursos materiais e não materiais (SANTOS; PEREIRA, 2018) que ela demonstra ao citar que sente dificuldade em colher plantas nos espaços que ora são privados, ora são preservados de qualquer contato que não seja permitido por alguma instância superior, ou simplesmente são negados por conta de atitudes racistas como, por exemplo, quando perguntam para que ela está comprando determinada coisa, ou quando atiram pedras ou xingam na rua ao vê-la passar de turbante.

Em determinado momento, ela começou a narrar o seu conhecimento sobre algumas plantas medicinais, dando a elas designações claras:

“Para banho: malva, manjeriçã, colônia, pachouli, oriri, macaça, murici, arruda, aroeira.

Para se tomar, (chá): carqueja, confrei, marselha, canela de velha, canela de macaco, capeba, (paripará), acocô, melão de são caetano, alecrim do campo e de horta, hortelã, levante, cipó cruz, pau pereira, boldo, sabugueiro, embaúba (tanto folha como raiz), cordão de frade, pata de vaca – branca.

Comida: língua de vaca, ora-pro-nobis, espinafre, bredo de santo antônio, abóbora.

Tem muitos... essas coisas a gente precisa ter perto porque se comprar tudo, não tem dinheiro. A gente usa o banho para o sagrado e energia, folhas para o chá. O filho de santo não pode sair doente, ele tem que estar firme.”

Ressaltando o que foi comentado por Botelho (2010) e, o que foi anteriormente citado, de que os terreiros modernos sofrem com as adaptações nos meios urbanos onde acabam tendo que se relacionar com inúmeros fatores, desde vizinhos intolerantes e preconceitos cotidianos, com os mercados e feiras da onde tem de comprar suas folhas e ervas.

Podemos refletir também sobre o processo saúde-doença, através de práticas e saberes socializados pelo grupo e aprendidos ao longo das vivências, demonstrando no Candomblé, através de mãe e de seus adeptos que as realidades ali vividas funcionam como uma forma de terapia reconhecida por eles, funcionando como uma “medicina” significativa, pois a interação entre morador e terapeuta comunitário é intensa (MANDARINO; GOMBERG, 2009). Uma lista completa das plantas citadas por Mãe Néia, seu nome científico e alguns de seus usos se encontra no Apêndice A.

Na terceira entrevista, disponibilizada em vídeo, as perguntas foram feitas de forma mais específica. Essa contém aspectos sobre a relação do Candomblé com o meio

ambiente e com o ato de educar, como se promove a relação de todo o Candomblé com o meio ambiente e como esses saberes são passados para a comunidade.

Figura 5- entrevista com Mãe Néia. Fonte: acervo da autora.



Nessa entrevista foram feitas perguntas transcritas e comentadas a seguir:

- Qual a relação, no seu ponto de vista, que existe entre o Candomblé e a natureza?

“Tudo! Candomblé é movido pela natureza, nós cultuamos Deus através da natureza, mineral, vegetal, animal, todo nosso sagrado está ligado à natureza.”

Nesse trecho não fica clara a urgência que existe na conexão da natureza com o Candomblé, quando ela diz *“tudo!”*, o faz repetidamente de forma não muito clara sobre a imensidão de seu significado; Entretanto com tantos estudos realizados sobre o tema, podemos afirmar que o uso da natureza para promover a saúde faz parte da estrutura litúrgica do Candomblé, por isso a preservação da natureza é parte fundamental na prática dessa crença. (BOTELHO, s.d)

- Qual a importância do “espaço mato” que existe no Candomblé?

“Importante para tudo, desde o oxigênio que a gente respira, não fazemos nada sem as ervas, sem as árvores. Água, inclusive eu fiz até um poço para pegar água debaixo, água mineral, uma água pura que não tem mistura de nada. Esse poço tem 49m de profundidade, aqui, eu chamo fonte de Nana, porque buscamos a água de baixo para nos purificar, tem que ser água bem natural (...) colocamos no filtro de barro para também ter contato com coisas natureza, sem natureza não tem Candomblé. (...) Eu preservo também, não to dizendo que eu sou a conhecedora de tudo, mas eu ensino meus filhos a ter respeito à natureza porque o sagrado que encontramos está dentro da natureza.”

- E como isso é ensinado para os filhos que chegam sobre o respeito a natureza?

Desde a entrada do barracão, primeira coisa que a gente passa é água, vem da rua, então jogamos água por cima para purificar, limpar, para não trazer para dentro da casa, (...) depois eles passam pelo banho com ervas e plantas medicinais (...) Mas, devido a esse lado moderno, nem muitos estão dispostos a aprender (...) Ensino eles a amar a Deus sobre todas as coisas, e como Deus é natureza preservamos (...) E já dentro do barracão, as funções são cuidar das ervas, quando usamos as folhas e tiramos o sumo, o bagaço nós usamos como adubo, não é jogado fora de qualquer jeito. Tiramos o sumo e usamos o restante para adubar a terra, a terra adubada é importante porque fortalece a planta, então não jogamos no lixo e isso é ensinado, todo mundo sabe. Dentro da minha casa tudo é ensinado, ensinando a tirar o que vai usar, a não tirar com excesso, como colher, como entrar numa mata para tirar qualquer tipo de planta, (...) e a trocar, tudo que a gente tira a gente costuma deixar alguma coisa lá, costumo deixar um pouco de semente... O Candomblé sobrevive porque é natureza.

Nesse trecho é muito importante notar como se dá inúmeros comportamentos dentro do “barracão” que podem e são considerados ações de educação ambiental, como o ensinamento transmitido sobre o descarte do que ela chama de bagaço, que são os restos orgânicos das plantas utilizadas, ela comenta que nada é descartado, e sim usa esses restos na formação de adubo orgânico e isso é transmitido para seus filhos. Sendo assim podemos perceber como o Candomblé se encaixa na utilização racional dos recursos, além da conservação ambiental, visto que cada recurso da natureza remete a um orixá e assim se torna indispensável a preservação do meio ambiente pelos seus adeptos, para que assim possa se manter a ligação com o divino e assegurar a subsistência do planeta (MARTINS, 2015).

Hoje, as comunidades preocupam-se em como utilizar os recursos, mantendo suas práticas religiosas, sem prejudicar os componentes naturais que não são mais tão abundantes como já foi um dia, assim buscando estratégias para garantir a longevidade da natureza e conseqüentemente a do Candomblé, fato esse que podemos notar como uma condição de sustentabilidade, tendo em vista que esses grupos apresentam sempre algum tipo de potencial produtivo com base na agricultura, culinária, etc. (CONCEIÇÃO; TREVIZAN, 2016)

- As Plantas ocupam um grau diferente de importância no Candomblé?

(...) Todas as plantas têm uma divindade que rege elas né, todo santo tem sua folha, tem coisa que a gente não pode usar, porque você é regida por uma divindade e se essa divindade, não gosta, não se dá

com aquela folha, folha de leite por exemplo não é toda divindade que pode usar, como eu gosto de uma coisa e outras não, as divindades também são assim. Uma folha áspera ou com leite, se não for para ser usada pode até matar. Nunca conheci ninguém que morreu por causa de macumba, isso é fantasia, é mentira! Muito pelo contrário, a gente preserva muito o ser humano, a vida mas, tem ervas que podem matar e as pessoas dizem que nós somos malfeitores, não somos! Nós usamos e sabemos porque usamos e a quantidade que tem que ser usada, mesmo uma erva que seja venenosa, a gente pode usar na dosagem certa que não vai matar mas, se usar demais, não somos nós que somos responsáveis. Jamais!

A gente preserva a natureza nessas coisas, na colheita, no plantio... tem lua para a gente plantar uma planta às vezes para tirar as folhas também (...) Se eu estou vendo que uma planta está morrendo, não vou colher nada dela (...) e o Candomblé pode ter certeza, como Deus existe, está muito ligado a natureza para a elevação.”

A partir desse trecho, se torna indispensável e de suma importância salientar novamente sobre o preconceito, falta de entendimento que existe na sociedade sobre os rituais associados ao Candomblé, que são tratados, por muitos, de forma pejorativa, o que fere e incomoda seus adeptos.

Devido ao respeito que tenho por Mãe Néia e por notar nela uma necessidade de tratar desse assunto não poderia deixar de citá-lo mesmo não sendo o foco principal deste trabalho, sobretudo por ser um trabalho relacionado a educação e na educação a discriminação racial que ocorre é uma das mais perversas, pois atinge crianças e jovens negros no período em que se formam como indivíduo, afetando assim seu imaginário social, ao atribuir referências negativas e de inferioridade ao seu segmento (GUIMARÃES; PINTO, 2016) Devido a essa estereotipação é compreensível a urgência e necessidade de Mãe em defender seu legado, em se posicionar em defesa de sua história, atitude defensiva essa, que os negros estão muito acostumados, pois se veem diariamente tendo que defender a si mesmos. Notamos nesse trecho também, novamente o cuidado em se relacionar com as plantas respeitando os seus ciclos de colheita, de plantio entre outros.

- Existe uma hierarquia, um método de transmissão de conhecimento?

“Existe sim, a gente ensina desde o que nós chamamos de ndumbe que é aquele que não conhece, mas tem coisas que a gente não pode passar tanto, porque o excesso pode causar problemas, é como para você ser uma médica tem que passar primeiro pelos estudos então não é diferente pois aqui existem e são sete a quatorze anos, então as vezes eu costumo dizer que fiz uma “faculdade” porque para ser uma zeladora de santo que a gente chama Mãe de santo, eu fui muzenza, fui Manganza que é os sete anos, depois fui Mametu e hoje sou Mametu Mosoioió, quer dizer, já estou num grau...é como se fosse um título, é um título, não deixa

de ser, eu considero uma faculdade sim, porque é um aprendizado que não se tem nos livros, é oral, é de coração para coração (...) e não se expõe assim, por isso que tem esses segredos as pessoas não sabem e diz que a gente é feiticeiro, não somos, nunca fazemos ma, nunca, até porque se fizermos alguma coisa de errado a gente também é punido pela própria natureza.... (...) as pessoas não nos quer muito, porque a gente incomoda pela sabedoria, pela essência, e não é todo mundo que costuma ficar, tem muito o que escolher, tem muito o que plantar e muito para colher. Hoje já se acha muita coisa na internet mas não pode seguir isso, tem coisa verdadeira mas tem coisa que é um absurdo. A transmissão de conhecimento é sempre oral, sempre vai ser em qualquer nível (...) se você for procurar pode achar, mas vai achar pouco (...)"

Confirmando que o Candomblé enquanto prática religiosa também se estabelece como prática educativa não formal por conter elementos de transmissão oral e graduação do saber.

- Existe algum tratamento ou prática sobre como cuidar do desenvolvimento das plantas, para se defender de praga ou potencializar seu desenvolvimento?

“Então, nós temos o natural, através de humus, e de muitas coisas que a gente pode fazer o próprio adubo, procuramos também o do animal, o esterco do boi, o do cavalo eu já acho muito ácido, as vezes casca de ovos que é importante... as vezes precisa do calcário mas eu não uso muito não, eu deixo bem natural (...) das próprias folhas isso vai virando um adubo e é importante manter. Quando a terra está muito enfraquecida, eu pego a caixa de leite, avo e a água dela eu joga na planta. Quando tem alguma praga na planta eu misturo um pouco de fumo de rolo na água, eu tive uma planta que dava um inseto(...) eu misturei um pouco de sabão em pó e fumo de rolo mas, não foi suficiente, então eu podei...e agora já ta nascendo de novo... não gosto de usar inseticida.”

É possível notar nesse trecho o conhecimento e utilização de técnicas de agroecologia, de aproveitamento em que muitas dessas são aprendidas nas escolas e nos meios acadêmicos. Aqui se estabelecem através da transmissão oral de Mãe Néia para seus filhos e de seus antecessores para ela, demonstrando que podemos encontrar aspectos relacionáveis às práticas ensinadas na escola. As comunidades, a partir de sua proximidade com as plantas, detêm conhecimentos importantes para serem considerados na educação científica. Que vão desde noções ecológicas a reprodução vegetal, além de se trabalhar uma postura consciente do meio ambiente relacionando-os a sustentabilidade tornando-se uma grande referência em ensino de ciências, tanto na escola como na sociedade (PAIVA; ALMEIDA, 2013)

- Existe alguma técnica de propagação, produção e de plantio?

“Sempre as mesmas sementes, da própria planta, alface da semente, todas plantas dão semente. Minha casa tem muito tansagem, que é antibiótico, a própria semente ficando madura, eu tiro, seco, ali mesmo semeio e nasce tudo.”

Mais uma vez, a fala e as ações da Mãe Néia demonstram que a prática e o ensino de ciências, de sustentabilidade e educação ambiental estão inteiramente relacionados com o que se vivencia no Candomblé.

- O Candomblé é um espaço de escola, de educação?

“Sim, não é só religioso, aqui é uma escola, de línguas, de culinária, de medicina, de respeito ao ser humano, de hierarquia (...) tem respeito, não ultrapassar, respeitar, o Candomblé ensina muito isso, não aprende quem não quer.”

Nesse momento, a gravação do vídeo acabou, e demos seguimento para o fim da entrevista, com a gravação em mp3, em que ela comenta que enquanto escola a comunidade do Nzó oferece para seus adeptos aulas de línguas de Angola, Congo e Iorubá, além de atividades de mutirões para plantio, limpeza e colheita das plantas se encaixando nas técnicas de manejo ambiental. Ela comenta que hoje não encontra mais muito interesse dos seus adeptos em realizar essas coisas que por hora estão paradas.

É de indiscutível conclusão, que além de um espaço de educação não formal, onde se encontram práticas de ensino de ciências entre outros valores, encontramos também práticas que dialogam com a sustentabilidade, com a educação ambiental e com a medicina tradicional, e com isso trazendo inúmeros benefícios para as pessoas que buscam seus saberes assim como possibilitando inúmeros estudos acadêmicos sobre os remédios e medicinas encontradas nos saberes tradicionais.

3- CONSIDERAÇÕES GERAIS

Enquanto cidadã e parte constituinte, ativa e política dessa sociedade, vejo com muita seriedade nosso papel de transformador social em todas as realidades em que for possível nos engajar. Lutar contra o racismo existente e fazer-se desconstruir ideias erradas sobre o Candomblé, é uma forma de lutar por uma sociedade melhor, igualitária e inclusiva, que representa grande parte da nossa população, assim como representa a verdadeira história constituinte de nossa população.

Como educadora viso, nessa ação, a melhora da transmissão equânime do saber, garantindo a todos o bem da educação e do acesso ao conhecimento e isso ainda inclui a possibilidade de nos garantir uma ascensão muito importante nas questões ambientais, tendo em vista que o Candomblé enquanto prática religiosa faz muito pela preservação do meio ambiente.

Enquanto a sociedade não conseguir aceitar e enxergar nas raízes afro brasileiras uma identidade em vez de uma inferioridade estaremos sujeitos a uma sociedade que nos impõe travas no desenvolvimento da criticidade, travas no acesso ao conhecimento, que a muito é restritiva e estorvadoras no sentido de escolher o que se passar de conhecimento e o que não, modelo que conhecemos bem, como escola tradicional.

É necessário, propagar o conhecimento das tradições afro-brasileiras e com elas fazer o que for possível para acabar com a falta de igualdade e respeito que existe e assim, quem sabe, diminuir o índice de evasão escolar da população negra, o índice de mortalidade da juventude negra, e até mesmo o índice de marginalização e precariedade da nossa sociedade, dando a todos de forma igualitária o acesso à educação e a uma identidade que represente todos o belo conjunto de diversidade da população brasileira.

E ainda, propagar a natureza, o conhecimento sobre as plantas medicinais, que por muitas vezes nos livra dos males e nos impede de ir diretamente ao encontro dos remédios alopáticos, constituindo-se enquanto medicina tradicional, o saber sobre as plantas medicinais serve como acesso à saúde, por muitos que às vezes as têm como única forma de medicina ou, por meio delas, aumentar o conhecimento científico para produção de novos fármacos e fitoterápicos.

Conhecer sobre as plantas medicinais é conhecer sobre si mesmo, é procurar em si mesmo a causa de determinada doença, antes de se entregar a um diagnóstico com uma receita sem uma análise profunda, e assim, se entregar a fármacos com muitos efeitos colaterais.

Conhecer sobre as plantas medicinais é propagar que na nossa sociedade todos possam ter em casa, uma planta que possa ser utilizada como chá, comida, purificadora e remédio. É atenuar a relação do homem com a natureza que hoje se encontra muito debilitada e é isso que o Candomblé faz, é isso que Mãe Néia faz!

4- REFERÊNCIAS

BOTELHO, P. F.. O segredo das folhas e os rituais e cura na tradição afro-brasileira. **Anais do VI ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 12pg. Facom/UFBA, 2010.

BOTELHO, P. F.. **Candomblé e prática de cura em Vitória da Conquista - BA**. Universidade do Estado da Bahia, sem data.

BRAGA, J. S.. **Oritamejé: o antropólogo na encruzilhada**. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. (Coleção Primeiros Passos) Ed. Brasiliense - SP, 2007.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CONCEIÇÃO, S. S.; TEVIZAN, S. D.. Etnodesenvolvimento Local: Uma estratégia para a sustentabilidade das comunidades de terreiros de Candomblé. *Gaia Scientia - Edição Especial. Cultura, Sociedade & Ambiente*, v. 10, p. 145 -151, Junho 2016.

GUIMARÃES, A. C.; PINTO, J. M.. Discriminação racial na escola: vivências de jovens negros. **Revista Digital de Direito Administrativo**, v. 3, n. 3, p. 512 - 524, Ribeirão Preto - SP, 2016

MANDARINO, A. C.; GOMBERG, E.. Dimensões Sociais e Terapêuticas Contemporâneas da Religião Afro-Brasileira Candomblé. **Religare - Revista de Ciências das Religiões**, UFB, nº 6, 2009.

MARTINS, F. R.. Educação Ambiental e Candomblé: afroreligiosidade como consciência ambiental. **Paralellus**, v. 6, n. 12. p. 265 - 278, Recife, Junho 2015.

PAIVA, A.S.; ALMEIDA, R. O.. Aspectos de conhecimentos tradicionais sobre plantas como referência para desenvolvimento de abordagem didática multicultural.

PAZ, E. C. et al. Plantas medicinales en el candomblé como elemento de resistencia cultural y cuidado de la salud. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 20, n. 1, p. 25-37, 2015.

PEREIRA L. M. – **O Candomblé Angola do Nzo de Mãe Néia** – Monografia (Monografia Bacharelado em Ciências Sociais) – UFES. Vitória/ES, p.57. 2017

RODRIGUES, C. R.; OLIVEIRA, I. L.; KOVALESKI, L.. Conhecimento tradicional associado, patrimônio genético e pesquisa de novos fármacos. **Congresso Internacional de Administração - Gestão Estratégica para o Desenvolvimento Sustentável**, Ponta Grossa - PR, 2007

SANTOS, W. S.; PEREIRA, J. B.. Raça, racismo e a constituição da criança negra no contexto escolar: Diálogo entre conceitos e vivências. **Cadernos de Graduação**, Alagoas, v.4, n.3, p. 21-32, Maio, 2018.

APÊNDICE A
LISTA DE PLANTAS USADAS NOS RITUAIS CITADAS POR MÃE NÉIA

| NOME COMUM | NOME CIENTÍFICO | USO/APLICAÇÃO |
|-------------------|----------------------------------|--|
| Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis</i> | Chá, defumação, banho |
| Alecrim-do-campo | <i>Baccharis dracunculifolia</i> | Banho, chá |
| Aroeira | <i>Schinus terebinthifolius</i> | Banho |
| Arruda | <i>Ruta graveolens</i> | Banho de descarrego, fecha corpo, defumação, chá |
| Abóbora | <i>Cucurbita pepo L.</i> | Chá, alimentação |
| Acocô | Não definido | Não informado |
| Boldo | <i>Peumusboldus</i> | Banho, Chá |
| Bredo | <i>Amaranthus viridis</i> | Chá |
| Canela | <i>Cinnamomum zeylanicum</i> | Banho (fecha corpo) |
| Carqueja | <i>Baccharis trimera</i> | Banho, chá |
| Cipó-caboclo | <i>Davilla rugosa</i> | Chá (cicatrizante) |
| Colônia | <i>Alpinia zerumbet</i> | Chá |
| Cordão-de-frade | <i>Leonotis nepetifolia</i> | Chá |
| Capeba | <i>Piper umbellatum</i> | Chá |
| Cipó cruz | <i>Arrabidaea chica</i> | Chá |
| Cipó são caetano | <i>Momordica charantia</i> | Banho |
| Confrei | <i>Symphytum officinale</i> | Chá (rouquidão, cicatrizante) |
| Elevante | <i>Mentha spicata</i> | Banho, Chá |
| Embaúba | <i>Cecropia pachystachya</i> | Chá |
| Espinafre | <i>Spinacia oleracea</i> | Alimentação |
| Guaco | <i>Mikania glomerata</i> | Chá (espectorante) |
| Guiné | <i>Petieria tetranda</i> | Banho de descarrego, fechar corpo |
| Hortelã | <i>Mentha vilosa</i> | Banho, chá |
| Língua de vaca | <i>Tainum paniculatum</i> | Chá, Banho (cicatrizante) |
| Manjeriço | <i>Ocimum americanum</i> | Banho, chá |
| Malva | <i>Malva sylvestris</i> | Banho, chá |

| | | |
|-----------------------|---------------------------------|-----------------------|
| Macela | <i>Achyrocline satureioides</i> | Chá |
| Macaçá | <i>Aeolanthus suaveolens</i> | Chá |
| Murici | <i>Byrsonima intermedia</i> | Chá |
| Ora-pro-nobis | <i>Pereskia aculeata</i> | Chá, alimentação |
| Oriri | <i>Peperomia pellucida</i> | Chá |
| Pata de vaca (branca) | <i>Bauhinia forticata</i> | Banho, Chá (diabetes) |
| Pachouli | <i>Pogostemon sp</i> | Não informado |
| Pau-ferro | <i>Caesalpinia ferrea</i> | Banho |
| Pau-pereira | <i>Platycyamus regnellii</i> | Chá |
| Saião | <i>Bryophyllum pinnatum</i> | Banho, chá (estômago) |
| Tanchagem | <i>Plantago major</i> | Banho, Chá |